

NAVEGANDO NO UNIVERSO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E NAS REDES QUE A CONSTITUEM: DIFICULDADE E POSSIBILIDADES

**Claudete da Silva Lima Martins, Ana Paula de Deus Mesck, Daniela Pedra Mattos,
Lourdes Helena Rodrigues dos Santos, Luciane Collares Araújo, Rozane da Silveira
Alves**

Universidade Federal do Pampa/RS/Brasil e Universidade Federal de Pelotas/RS/Brasil
claudetemartins@unipampa.edu.br; anamesck@hotmail.com; dani.mattos@yahoo.com.br;
lourdes.h@iq.com.br; luciane.collares@hotmail.com; alves.rozane@gmail.com.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir a questão da Educação a Distância, enquanto modalidade de ensino que possui características e especificidades próprias, principalmente no que se refere as mediações propostas no proceso de formação docente, como, aspectos ligados a qualidade, interatividade, autonomia, diálogo e afetividade. Apesar das contingências e limitações da Educação a Distância, não se pode negar que é uma alternativa viável e que seu valor e potencialidades não podem ser desconsiderados *priori*, sem uma análise rigorosa, levando em consideração os sujeitos históricos e o contexto regional, social, político, histórico e econômico em que estão inseridos. A discussão parte do pressuposto de que o avanço que agora presenciamos no que se refere a Educação a Distância não pode ser pensado como um processo análogo ou homogêneo, pois tem sido e é um processo desigual, na medida em que sofre influencia de múltiplas determinações. Não pretendo exaurir todas as questões concernentes a educação medida pela Educação a Distância, porém suscitar a reflexão, pois acredito que, como toda e qualquer outra prática educativa, a Educação a Distância merece ser problematizada, estudada e discutida sem preconceitos e encobrimentos. Aprender e ensinar a distância, assim como presencialmente, implica no reconhecimento da alteridade dos sujeitos que, com suas práticas – ação e forma de pensar a ação na totalidade da realidade – constituem a sociedade e o próprio mundo.

Palavras-chave: Educação a Distância, educação, qualidade.

Resumen

Este trabajo tiene por objetivo discutir la cuestión de la Educación a Distancia, encuanto modalidad de enseñanza que posee características y especificidades propias, principalmente en lo que se refiere a las mediaciones propuestas en el proceso de formación docente, como aspectos ligados a: calidad, interactividad, autonomía, diálogo y afectividad. A pesar de las contingencias y limitaciones de la Educación a Distancia, no se puede negar que es una alternativa viable y que su valor y potencialidades no pueden ser desconsiderados *a priori*, sin un análisis riguroso,

llevando en consideración a los sujetos históricos y el contexto regional, social, político, histórico y económico en que están inseridos. La discusión parte del presupuesto de que el avance que ahora presenciamos en lo que se refiere a la Educación a Distancia no puede ser pensado como un proceso análogo y homogéneo, pues ha sido y es un proceso desigual, en la medida en que sufre influencia de múltiples determinaciones. No pretendo exaurir todas las cuestiones concernientes a la educación mediada por la Educación a Distancia, pero suscitar la reflexión pues creo que, como toda y cualquier otra práctica educativa, la Educación a Distancia merece ser problematizada, estudiada y discutida sin preconceptos y encubrimientos. Aprender y enseñar a distancia, así como presencialmente, implica en el reconocimiento de la alteridad de los sujetos que, con sus prácticas – acción y formas de pensar la acción y la totalidad de la realidad – constituyen la sociedad y el propio mundo.

Palabras-clave: Educación a Distancia, educación, calidad.

1. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando se propõe a reflexão em torno da Educação a Distância (EaD) há que se ficar atento ao seguinte: um professor que, presencialmente, trabalha numa perspectiva bancária com seus alunos, tende a repetir o mesmo procedimento com os alunos a distância. A educação tradicional e bancária é criticada por Freire (2005), pois ela é fortemente pautada na memorização e repetição, onde educar significa depositar, transferir e transmitir conhecimentos aos alunos que por sua vez, devem arquivá-los em suas mentes. Por outro lado, um professor que procura atender às expectativas dos alunos, a partir de suas situações históricas e geográficas específicas, quase sempre, quando passa a lidar com a educação a distância, acha um meio de potencializar a interação pedagógica com o aporte de tecnologias de educação a distância. Nesse sentido, Moran (2000) afirma que:

Fazemos com as tecnologias mais avançadas o mesmo que fazemos conosco, com os outros, com a vida. Se somos pessoas abertas, iremos utilizá-las para nos comunicarmos mais, para interagirmos melhor. Se somos pessoas fechadas, desconfiadas, utilizaremos as tecnologias de forma defensiva, superficial. Se somos pessoas autoritárias, utilizaremos as tecnologias para controlar, para

aumentar nosso poder. O poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias, mas nas nossas mentes. (Moran, 2000, p.42)

Portanto, precisamos estar atentos ao caráter específico da Educação a Distância. Ela, por si só, não constitui um avanço educacional em termos de concepção e interação entre pessoas, pois o método educacional precede a ferramenta nova.

Nesse contexto, a seguir traremos algumas reflexões em torno da Educação a Distância, problematizando-a e, apresentando algumas de suas características, para na sequência asseverar e aprofundar o debate, a partir da discussão em torno da questão da qualidade dos cursos oferecidos por meio desta modalidade de ensino, tendo por referência o contexto brasileiro.

2. UM OLHAR REFLEXIVO EM TORNO DO UNIVERSO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA TENDO POR HORIZONTE A FORMAÇÃO REALIZADA POR MEIO DESTA MODALIDADE

A Educação a Distância é concebida como uma alternativa para a prática educativa, mediada pelo uso das tecnologias, com vistas a garantir, ampliar e interiorizar a educação possibilitando às pessoas o acesso ao conhecimento científico. Assim, ela tem mostrado grande potencial de desenvolvimento de educação em todos os níveis, sendo financiada e estimulada por instituições pertencentes tanto ao setor público quanto ao privado, que descobriram nas novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), uma enorme variedade de capacidades e possibilidades a serem desenvolvidas.

Conceitualmente, a educação a distância apresenta-se como uma modalidade flexível de educação pela qual professores e alunos se envolvem em situações de ensino-aprendizagem, em espaços e tempos que não compartilham fisicamente, utilizando-se da mediação propiciada por diferentes tecnologias e, no momento atual, pelas tecnologias digitais. Entretanto, é fundamental que se reitere aqui que educação a distância é, antes de tudo, educação, ou seja, um processo de formação humana. (Moreira, Arnold e Assumpção, 2006, p. 192)

Frequentemente percebemos a utilização do termo educação online, como sinônimo de educação a distância, porém apesar das proximidades existem significativas diferenças, como por exemplo os cursos por correspondência que são cursos a distância, no entanto não são online. De acordo com Marco Silva (2006) a educação online “é fenômeno da cibercultura” (p.11) definida por Lévy (1999) como “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais) de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem justamente com o crescimento do ciberespaço” (p. 17), este por sua vez, é definido por Silva (2006) como um novo “ambiente computacional que surge da interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores”(p.11). Desta forma, quando nos referimos a educação a distância, temos que pensar num processo amplo, complexo e abrangente, com especificidades e características próprias.

À parte do problema da universalização de situações que podem ser muito particulares, concordo com Sousa e Nunes (2000, p. 73) quando chamam a atenção para a origem dispersa dos alunos na constituição das turmas. Não creio que esta seja uma diferença tão grande nos dias atuais. As políticas de nucleação de escolas rurais e especialização de escolas urbanas brasileiras têm propiciado fenômeno semelhante nas grandes escolas de área. Perde-se a referência de um entorno mais ou menos coincidente com as formas de sociabilidade própria dos bairros de periferia ou comunidades do interior.

Numa outra dimensão, entretanto, esse fenômeno é muito forte: organiza-se cursos de aplicação universal. Criam-se cursos de EaD em São Paulo, por exemplo, que são aplicados igualmente no Amazonas, ou qualquer outro lugar do país. Não fosse a mediação dos tutores do local e teríamos o milagre de cursos universais, descolados totalmente das demandas próprias das comunidades. Cremos que essa concepção de educação não está ausente de grupos que procuram efetivamente homogeneizar práticas sociais a partir de modelos que lhe são propícios e que, de forma autoritária, escondem sua unilateralidade social se apresentando como universais.

Numa perspectiva de atendimento de carência social, a EaD pode ser relevante para aqueles estudantes que, devido a dificuldades de deslocamento - seja por condições

geográficas, físicas, sociais, políticas ou econômicas -, não conseguem frequentar cursos presenciais e se submeter a rigidez de horários, tempos e espaços. No entanto em cursos a distância há uma maior flexibilidade em relação a tempos e espaços, ou seja, o aluno pode permanecer no ambiente profissional, cultural ou familiar e mesmo assim realizar o curso desejado. Com isto, estudantes de diferentes lugares podem realizar um mesmo curso e interagirem nele de forma a construírem a sua aprendizagem, aperfeiçoando-se ou dando prosseguimento aos seus estudos.

Outro aspecto que merece atenção é que nos cursos a distância, dada a predominância de adultos, muitos educadores valorizam e aproveitam melhor os saberes e as experiências dos alunos, levando-os em consideração para a construção do conhecimento a partir do contexto onde essas pessoas vivem. Essa perspectiva, entretanto, é anulada nos cursos de aplicação universal que não se adequam às dimensões próximas dos alunos. De modo similar, temos os cursos presenciais que aplicam programas elaborados por especialistas de um lugar a todos os lugares do país. Se não há bom senso por parte das direções e coordenações pedagógicas, essas indústrias homogeneizam o ensino a partir de programas redutores da heterogeneidade cultural e social de cada uma e de todas as escolas, desta forma, estas propostas pretendem ser auto-instrucionais, mediante a elaboração de materiais, exercícios e atividades complementares, que são concebidas como auto-suficientes. Estas práticas não ocorrem somente na EaD, historicamente o ensino presencial tem se valido de cartilhas, apostilas e manuais prontos, fechados e acabados que são seguidos rigorosamente, restringindo a curiosidade, a criatividade, a autonomia e a reflexão. Os recursos didáticos são importantes no processamento de um curso, seja ele presencial ou a distância, no entanto, o importante é que esses cursos promovam a autonomia de seus alunos, respeitando a identidade de cada um, desenvolvendo a curiosidade, a reflexão, a crítica, o diálogo e uma postura investigativa; para que estes alunos possam se tornar capazes de tomar suas decisões frente a sua formação e na sua própria vida, pessoal e profissional.

Para que isto de fato ocorra, uma proposta de curso a distância precisa de planejamento sistemático que envolve uma série de questões, dentre elas a seleção

dos recursos e meios a serem utilizados, sua flexibilidade e adaptabilidade face às necessidades, interesses e contingências dos sujeitos que realizarão o curso e o contexto onde ele se desenvolverá. Assim é preciso levar em consideração que mais do que garantir o acesso de um número significativo de alunos a um curso, é preciso estar preparado para as consequências disso, como o aumento das despesas com recursos, materiais e pessoal e, principalmente com a necessidade de construção de uma infraestrutura capaz de atender a estes alunos com qualidade, percebendo as individualidades e necessidades de cada aluno, sem prejuízo nos aspectos referentes a interação e ao processo de aprendizagem significativa.

Dentre as características próprias da EaD, consideramos a flexibilidade e a interatividade, como principais. As pessoas podem de sua casa, do seu trabalho, de uma escola, de uma universidade, de um laboratório, por meio de um computador com conexão na internet, por exemplo, navegar por uma série de informações e conectar-se em processos de aprendizagem, individual ou coletivamente. O computador conectado a internet, enquanto recurso que é frequentemente utilizado na EaD, além da flexibilidade permite a interatividade, onde pode-se dialogar com pessoas do mundo inteiro, pois ele se configura num sistema aberto, possibilitando participação ativa e intervenção nos diálogos e na construção do conhecimento.

Neste contexto, fiéis as próprias características da EaD, pensamos que não se deve tentar encaixar os cursos desta modalidade, dentro de um padrão único, mas perceber as possibilidades de desenvolvê-los, transformando-os, recriando-os a serviço de uma educação libertadora, pois nas palavras de Silva (2006) “navegar é preciso e educar é urgente” (p.6).

3. A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM DOS NÓS QUE COMPÕEM A REDE

Em relação aos desafios de ensinar e educar com qualidade Moran (2006) problematiza o fato de que “há uma preocupação maior com ensino de qualidade mais do que com educação de qualidade” (p.12). Desta forma centralizam-se as questões

referentes à qualidade nos procedimentos metodológicos e de estruturas curriculares – entenda-se acima de tudo o rol de conteúdos de ensino - relacionados ao ato de ensinar e não se coloca a questão numa perspectiva abrangente e complexa de educação que além, de se preocupar com o ensinar, precisa focar as questões que dizem respeito ao aprender no contexto da formação humana, intimamente ligado à vida dos alunos, auxiliando-os a trilhar caminhos pessoais, profissionais, intelectuais e emocionais. Assim, Moran enfatiza que:

Nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesmas no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transmitam de forma fácil entre o pessoal e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando. (Moran, 2006, p. 15)

Porém, muitos cursos de educação a distância têm como proposta a transposição do modelo presencial para o modelo a distância, sem se preocupar com as especificidades e diferenças existentes entre estes modelos, principalmente no que se refere ao processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, embora a EaD tenha a possibilidade de contribuir significativamente na democratização do acesso à educação, é preciso refletir a respeito de alguns problemas específicos dessa modalidade, como os indicados por Moreira:

... as altas taxas de evasão; o perigo da padronização dos cursos, em desrespeito às características do público-alvo e à diversidade dos conteúdos; as dificuldades dos alunos e professores em lidar com uma proposta educativa nova, mediada por tecnologias sensíveis e complexas que, inclusive, requerem o desenvolvimento de competências tecnológicas básicas; a necessidade de um planejamento objetivo do trabalho a ser desenvolvido, uma vez que a

EAD não admite improvisos, bem como uma concepção de processo de ensino-aprendizagem que amplie as possibilidades de aprendizagem dos alunos. (Moreira, Arnold e Assumpção, 2006, p. 193)

Acrescenta-se a estes problemas, as dificuldades e contingências presentes tanto na educação a distância quanto na presencial, como: a formação de professores, falta de financiamento, metodologias, avaliação, desigualdades sociais, preconceito e rejeição às inovações e à mudança.

As injunções acima citadas são apenas algumas das que os cursos que adotam esta modalidade de ensino precisam enfrentar. No entanto, não são exclusividade deles, pois se analisarmos numa perspectiva de totalidade, a Educação de modo geral nos seus diferentes níveis e modalidades, enfrenta as mesmas dificuldades.

Azevedo apresenta oito passos, que se seguidos, podem detonar um curso online, acreditando que bastam três ou quatro desses passos para garantir que o fracasso ocorra. São eles:

1. Ignore a história;
2. Gaste o máximo de tempo, energia e recursos com tecnologia;
3. Não perca muito tempo pensando em “coisas pedagógicas”, como objetivos de aprendizagem, perfil do público alvo, estratégias de ensino etc;
4. Antes de pensar em objetivos, pense nos recursos tecnológicos;
5. Acredite piamente em Papai Noel, coelhinho da Páscoa e educação sem professor;
6. Considere suficiente a adaptação técnico-operacional de alunos e professores ao ambiente on-line;
7. Não se preocupe em preparar alunos e professores psicopedagogicamente para o ambiente online;
8. Ignore o potencial da interação coletiva assíncrona em modo texto. (Azevedo, 2006, p. 157-159)

Neste contexto, o autor de forma sarcástica e desafiadora, indicou esses passos, como sendo justamente o contrário daquilo que se deve seguir quando se pensa um curso a distância de qualidade. Assim, compartilhamos das ideias de Moran, ao afirmar que:

Um bom curso é aquele que nos entristece quando está terminando e nos motiva para encontrarmos formas de manter os vínculos criados. É aquele que termina academicamente, mas continua na lista de discussão, com trocas posteriores, colegas se ajudando, enviando novos materiais, informações e apoios. É aquele que guardamos no coração e na nossa memória, como um tesouro precioso. (Moran, 2005, p. 148)

4. ALGUMAS BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das contingências e limitações da EaD, não se pode negar que ela é uma alternativa viável para os sujeitos, que estão longe das universidades públicas, alcançarem a educação formal e que não se deve desconsiderar o valor, as potencialidades e a qualidade proposta pela Educação a Distância a priori, sem uma análise rigorosa da mesma, levando em consideração os sujeitos históricos e o contexto regional, social, político, histórico e econômico em que estão inseridos.

É necessário distinguir claramente se na Educação a Distância, o importante é a educação ou a distância. Se for a distância, se defenderá a utilização dos mais variados recursos e meios para enfrentá-la, atingindo o maior número de pessoas possível; investindo em tecnologias que permitam desenvolver o ensino de forma que os saberes sejam disponibilizados aos alunos e assim, isoladamente, em seus distantes lares, elaborem sozinhos tudo o que foi indicado pelo professor. A distância é encarada como um empecilho, na medida em que nesta perspectiva, restrinja-se a interação, desvalorize-se a aprendizagem colaborativa, limite-se a autonomia dos alunos, evite-se o diálogo; bem como o trabalho do professor resume-se a transmitir conhecimentos por meio das tecnologias aos alunos cuja tarefa é receber e memorizar da forma que conseguirem. Porém se o foco for a educação, certamente o diálogo, a interação, a mediação, a autonomia, o trabalho colaborativo e a conscientização serão partes significativas desse processo abrangente e complexo, em que as tecnologias são os meios que possibilitam o processamento da formação, mas os sujeitos são as pessoas, com seus contextos, especificidades, necessidades e potencialidades. Desta forma, o

aprender prevalece sobre o ensinar, valoriza-se a construção dos conhecimentos de sujeitos que têm uma história e que fazem história, portanto pessoas com saberes, experiências, sonhos, frustrações e esperanças, que os motivam a acreditar num futuro melhor, muitas vezes a razão que os motiva a buscar um curso de Educação a Distância, não é apenas o fato de ser a distância, mas por tudo aquilo que ele pode propiciar e não me refiro apenas a conhecimentos, mas também a compartilhar vivências, emoções, sonhos e utopias. Nesse contexto, os espaços para construção da autonomia são previstos e propostos, tanto nos momentos presenciais quanto nos momentos a distância, mas eles dependem fundamentalmente da postura adotada pelos sujeitos do processo e não necessariamente das tecnologias que serão utilizadas.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, W. (2006). *Como “detonar” com um projeto de educação on line*. In: SILVA, Marco (org.). Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. 2 ed.. São Paulo: Loyola, p. 157-9.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido* (2005). 44.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Moran, J. (2005). *“O que é um bom curso a distância”* In: SEED. Integração das tecnologias na educação. Brasília: MEC/Seed. 2005, p. 147-148.
- Moran, J, & Masseto, M. T. e Behrens, M. (2006). *Novas tecnologias e mediação pedagógica*, 12 ed. Campinas: Papirus, 2006.
- Moran, J. (2006). *Contribuições para uma pedagogia da educação on line*. In: SILVA, Marco (org.). Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. 2 ed. São Paulo: Loyola, p. 41-52.

Moreira, M; Arnold, S. & Assumpção, S.. (2006). *A EAD no processo de democratização do ensino superior no Brasil*. In: MEC. Desafios da educação a distância na formação de professores. Brasília.

SILVA, M. (2006) *Sala de Aula Interativa*. Rio de Janeiro: Quartet.

Sousa, M. & Nunes, I. (2000) *Fundamentos da Educação a Distância*. Brasília: SESI.